

## **“DANÇA ENTRE OS TEMPOS”: A HISTÓRIA ORAL BIOGRÁFICA E AS NARRATIVAS DE UMA IDOSA CAMPESINA DO SÍTIO ALTO DO RODRIGUES/RN**

<sup>1</sup>Lucielton Tavares de Almeida; <sup>2</sup>Giovana Carla Cardoso Amorim

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio G. do Norte (UERN) E-mail: eltonluci@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: giovana\_melo@hotmail.com

**Resumo:** Na presente pesquisa procuramos investigar o princípio de que os idosos “carregam” elementos de pesquisa em suas memórias. Assim, trazer a “voz” uma idosa do campo do Sítio Alto do Rodrigues, próximo a região de Triunfo Potiguar-RN através da história oral como metodologia é a pretensão maior do trabalho em tela. Apresentamos possibilidades para a construção de uma reflexão acerca do trabalho precípuo com narrativas e sua relevância para a pesquisa acadêmica. Partimos de questionamentos referentes ao percurso histórico da nossa entrevistada: suas raízes e oportunidades para formação escolar em sua época. Dito isso, o artigo em tela tem como objetivo central identificar a concepção de educação construída ao longo da história por um idoso do campo. A partir desse, desdobramos outros objetivos mais específicos a) investigar a história oral como metodologia; b) conhecer as oportunidades para a formação escolar de um idoso do campo, considerando os entraves de sua época, e por fim c) suscitar a importância dada à educação escolar por esse indivíduo. Utilizamos a história oral biográfica como metodologia. Como técnica, entrevistamos uma senhora através de questionário semi-estruturado, cujas vivências foram construídas no âmbito campesino. Os pressupostos de autores como Arroyo, Caldart e Molina (2011), Braga, Fialho e Maia (2014), Freire (1979; 1989; 2005), Garrido (1993), Libâneo (2013) e Magalhães (1987), dentre outros documentos regidos sob a égide da legislação brasileira, foram utilizados como luz para dialogar com as falas coletadas na entrevista. Com isso, compreendemos que a escolarização de moradores do campo é uma luta que envolve outros tempos e outros sujeitos. Ao final, compreendemos que a batalha para a escolarização de moradores do campo uma luta que envolve outros tempos, outras histórias e outros sujeitos. Ademais, a história oral biográfica é uma metodologia relevante a ser fomentada na busca por conhecimentos científicos no âmbito das vivências simples e cotidianas.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, História Oral, Idosos.

## INTRODUÇÃO

O artigo em tela é fruto de uma reflexão de ideias concernentes ao trabalho com a história oral biográfica com idosos do campo. Por meio do qual, percebemos que adentrar ao universo das narrativas com pessoas dotadas de uma vasta experiência de vida vem possibilitar, não o encontro com a verdade sobre os fatos, mas o alargamento das compreensões em torno desses.

Partindo dessa premissa, foram suscitados alguns questionamentos atinentes ao significado que os idosos do campo atribuem à educação e serviram como base para as discussões do presente trabalho. Para isso, suas memórias, as narrativas e histórias de vida, bem como a contextualização em que tudo isso fora construído serviram como eixos norteadores para as seguintes perguntas: O que levou esses idosos a construírem uma vida longe da urbanização? O que é a educação sob o prisma desses sujeitos? Qual a formação escolar foi oferecida a esses indivíduos? Para o auxílio na resolução dessas inquietações, buscamos conhecer a história oral como metodologia, sua relevância e também a perspectiva de seus críticos.

Nesse sentido, desenvolvemos alguns objetivos que lançassem luz para contribuir na resolução desses questionamentos. Desse modo, nosso trabalho possui como objetivo geral identificar a concepção de educação construída ao longo da história por um idoso que reside no campo. Partindo desse, arrolamos os seguintes objetivos específicos: investigar, por meio de pesquisa bibliográfica, a história oral como metodologia e as críticas a ela postas, conhecer as oportunidades para a formação escolar de um idoso do campo, por meio de suas narrativas, e ainda suscitar a importância dada à educação por esse indivíduo, sobretudo.

Para tanto, propusemo-nos a erigir uma pesquisa de cunho qualitativo e desdobrada por meio da metodologia da história oral, elaboramos entrevistas semiestruturadas a fim de permitir que a entrevistada pudesse responder livremente. Nesse sentido, as reflexões aqui apresentadas são produtos de experiências de vida de uma senhora nascida no âmbito rural do município de Triunfo Potiguar-RN. Contudo, é necessário evidenciar que nosso estudo foi destinado a ouvi-la apenas no que tange aos aspectos educacionais de sua história. Como critério de seleção, buscamos alguém que se encontrasse na faixa etária ideal como idoso, cujos filhos conhecessem o caminho da graduação.

Buscamos, portanto, através da revisitação ao passado da biografia da nossa entrevistada, compreender como eram as oportunidades de escolarização de sua época, a justificativa que a leva a atribuir tanta importância para educação de modo que todos os seus

filhos são ou estão na graduação, mesmo que a educação não tenha sido uma mão estendida com generosidade em sua vida.

As falas da entrevistada foram correlacionadas à luz do referencial teórico pertinente aqui representado por Arroyo (2011), Braga, Fialho e Maia (2014), Freire (1979, 1989, 2005), Garrido (1993), Libâneo (2013) e Magalhães (1987), dentre outros documentos legais, partindo da relação entre a história oral biográfica e as narrativas de vida do sujeito do nosso trabalho. Por fim, a pesquisa possibilitou uma aproximação com uma época em que a luta estava atrelada às vivências de uma campesina que cresceu sem oportunidade de escolarização. Entretanto, soube construir um caminho de formação para suas quatro filhas à base de luta e sabedoria.

## **1.0. A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA: FIOS DO PASSADO NA TRAMA DO PRESENTE.**

Abordar a história é suscitar os significados que envolvem a compreensão de outros tempos: o tempo que foi, o tempo que é, o que deveria ser, o que fora e deseja voltar, dentre outros. Visitar o passado é caminhar por entre mudas de árvores e maravilhar-se com todo o seu processo que culminou nos frutos que, no presente, pudemos colher.

Nesse sentido, a história oral entra como liame que possibilita esse elo com o passado na busca de compreender fenômenos da atualidade. Sendo ela, a história oral, “uma metodologia capaz de fomentar importantes narrativas e interpretações históricas” (BRAGA, FIALHO e MAIA, 2014, p.19). Através da qual, podemos fazer releituras de fatos importantes que, em sua maioria, foram expostos e ao dar voz aos sujeitos fora do palco, podemos analisa-los de outras perspectivas, através do ponto de vista de quem, de fato, vivenciou a história.

Historicamente, as fontes orais foram construindo sua relevância a partir do desenvolvimento e do advento da tecnologia, entre os séculos XX e XXI. Conforme discorrem Braga, Fialho e Maia (2014), a promoção e ênfase da História Oral se deu através da origem do gravador como instrumento, cuja capacidade permite captar e arquivar a fonte oral. Desde então, essa metodologia esteve envolvida com as arestas da memória de indivíduos, coletiva ou individual. E assim, passou a ser um meio de valorização das identidades de grupos sociais (MACIEL e VANDERLEI, 2007).

Esses apontam que, como metodologia, a história oral valoriza a identidade de grupos diversos por meio da coleta de seus depoimentos, da análise de sua memória, de sua versão de mundo, cujos saberes não teríamos acesso se, em nossas limitações, estivéssemos ancorados apenas na escrita. Com efeito, é relevante por permitir que haja a aproximação com as memórias e as narrativas de pessoas de diferentes graus de instrução. Alargando as frestas em que a pesquisa pode alcançar o conhecimento de sujeitos que testemunharam importantes aspectos da história.

Embora Selau (2004) aponte algumas críticas tecidas ao trabalho com a história oral por parte de alguns historiadores que, segundo o autor, defendem a premissa de que a história só é construída mediada por documentos escritos, ao passo em que seus argumentos principais estão baseados na fragilidade da memória humana. Ademais, questionam também a subjetividade presente nos depoimentos orais. Pondo, nesse sentido, a credibilidade do pesquisador.

Por outro lado, Garrido (1993) assevera que o uso de fontes orais não apenas permite o acesso ao conhecimento dos fatos, mas também possibilita entender a compreensão de determinado grupo social que os viveu e percebeu. O autor destaca que utilizar essas fontes como metodologia requer respeito às regras metodológicas e devem garantir o rigor científico da pesquisa.

### **1.1. A História Oral com Idosos: a dança entre os tempos.**

Para Machado (2006) qualquer cidadão comum é considerado protagonista e antagonista do passado. Todos possuem um elo entre os acontecimentos e significados de práticas construídas ao longo da existência. Em comunhão com essa autora, Fialho (2012), defende que é imprescindível permitir maior visibilidade à voz do sujeito que vivenciou determinada situação e, embora tenha participado do processo histórico em algum momento, ocupou um espaço restrito às margens da sociedade.

Nesse sentido, elucidamos a importância do trabalho com a história oral uma vez que, conforme Fialho (2012), essa metodologia não é apenas importante para a busca do conhecimento, mas por fomentar importantes narrativas e interpretações históricas através de pessoas que estão “fora do palco”.

Ao voltarmos nosso olhar para a biografia de pessoas idosas<sup>1</sup>, condicionamos nossa criticidade para sujeitos, cujas experiências de vida atravessaram quadros históricos de determinada sociedade. Indivíduos que, ao longo de sua trajetória, (re) construíram ideias, significados e concepções, em meio à luta por uma sobrevivência cerceada pela intensidade de emoções e batalhas travadas consigo e com indivíduos configurados em seu próprio universo.

Magalhães (1987) propõe uma reflexão sobre a posição social histórica do idoso quando ela relata que antes do capitalismo os idosos eram as pessoas que guardavam e preservavam a memória do seu povo, suas tradições e cultura, sendo modelo de sabedoria e representante do passado. Ou seja, uma figura imprescindível para a perpetuação de determinada comunidade. Contudo, em uma sociedade que vislumbra o lucro e a produção econômica, o idoso não possui grande valia, é uma pessoa de qualidade comprometida uma vez que suas experiências não são interessantes para a aquisição do faturamento e nem ele, em virtude de suas inúmeras limitações, possui potencial para produzir.

Em face a essa teia de pressupostos, entendemos que trabalhar com a história oral com idosos permite que uma pessoa, até então invisibilizada, pode contribuir para a compreensão de determinado contexto, e por isso não deve ser desprezada (Fialho, 2012). As representações postas pelo idoso lançam luzes sobre aspectos sociais e históricos, através das quais, serão permitidos estudá-los e analisá-los com maior precisão. Não buscando a verdade histórica sobre os fatos, mas sim ampliar a compreensão sobre eles.

## **2.0. A EDUCAÇÃO DITA POR UMA IDOSA DO CAMPO: A PESQUISA.**

Aqui serão apresentadas as análises e discussões construídas mediante a pesquisa que foi desenvolvida com base em uma entrevista semiestruturada. Cujo questionário partiu de inquietações acerca da história de vida da entrevistada, suas relações com o campo, a formação escolar e, em especial, a importância atribuída por ela à educação. Organizamos os dados para análise de modo que pudéssemos confrontar as falas da campesina, conforme nossas finalidades, à luz dos pressupostos teóricos que deram suporte ao trabalho em questão.

Pedimos permissão à senhora Conceição<sup>2</sup> para que, através da pesquisa, pudéssemos adentrar por alguns caminhos de sua história de vida. Com isso, nos foi permitido conhecer

---

<sup>1</sup> Possui os direitos assegurados como idoso todo indivíduo com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, conforme a **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**.

<sup>2</sup> Nome fictício dado à entrevistada sob o intuito de bem preservar sua identidade genuína.

um percurso de dificuldades, cujas memórias foram marcadas por desenhos sobre um pano de fundo onde muito se lutava e, pelo difícil acesso, não se conseguia muito além do necessário para a sobrevivência. A escola, por exemplo, não foi um segundo lar para a Dona Conceição. Contudo, soube ela buscar os meios que estivessem ao seu alcance para que esse mesmo direito não fosse negado as suas quatro filhas, cuja história conheceremos um pouco a seguir.

Dona Conceição, nascida em maio de 1955 (61 anos), a 2ª (segunda) de nove descendentes vivos de seus pais – desprovidos de instrução primária, apenas assinalavam seus nomes – que, entre vivos e falecidos, tiveram dezoito filhos, reside no sítio Alto dos Rodrigues, situado a 2 (dois) quilômetros da zona urbana do município de Triunfo Potiguar-RN. Atualmente, vive com seu esposo – agricultor que viveu boa parte da sua vida exercendo o ofício de marceneiro – e em companhia de um dos cinco filhos extraídos do seu ventre, a caçula das quatro que sobreviveram. Conforme sua narrativa, o primeiro e único filho do sexo masculino veio a óbito após oito meses do seu natalício. Fato que, segundo D. Conceição, era uma realidade comum e infeliz em sua época em que não havia muito investimento público de qualidade voltado para a saúde infantil.

Para abrir nosso questionário, buscamos compreender a relação histórica entre nossa entrevistada e sua vida no campo. Em face de nossa primeira pergunta que tinha como finalidade investigar os motivos, pelos quais, D. Conceição construiu sua trajetória de vida na zona rural, a campesina afirmou:

*“O que me levou a morar no sítio foi eu ter me casado, né? Meu esposo era do sítio, então foi quem me levou pro sítio, mas desde que eu nasci morei no sítio, aí do sítio eu vim pra rua, e da rua fui pro sítio de novo, me casei” (D. Conceição).*

Em seu relato, D. Conceição afirma que seus pais eram moradores do campo. Lá ela cresceu, aprendeu os primeiros passos, as primeiras palavras em contato com a terra, o mato e os bichos. Aprendeu cedo, sob a educação familiar, as tarefas domésticas e o cuidado com os irmãos mais novos que nasceram posteriormente. O campo foi ponto de partida para todo o seu processo formativo, seu modo de ser e ver o mundo.

A força “destruidora” do capitalismo marginaliza os moradores de pequenas comunidades, cuja invisibilidade gera a tendência de migrar para a zona urbana. Sobre essa problemática, Arroyo, Caldart e Molina (2011) discorrem que:

O campo é um espaço que tem suas particularidades e é ao mesmo tempo um campo de possibilidades da relação dos seres humanos com a produção das condições de

sua existência social (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011, p.15)

Com isso, os autores complementam vislumbrando a ênfase da Educação do Campo como força motriz para valoração desse espaço na conjuntura social.

Confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões sobre um novo projeto de desenvolvimento e o papel do campo nesse projeto. Também o papel de fortalecer a identidade e a autonomia das populações do campo e ajudar o povo brasileiro a compreender que não há uma hierarquia, mas uma complementaridade: *cidade não vive sem campo que não vive sem cidade* (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011, p.15).

Assim, entendemos que o espaço rural não pode ser visto como regresso do desenvolvimento. Nessa ambiência há vida, há práticas sociais e meios de sobrevivência, pelos quais, seus moradores apostam em cultivar. Hoje, os modos de produção e organização do trabalho no campo já foram reconfigurados em detrimento da globalização e do capitalismo. Os produtos agrários estão presentes nas prateleiras comerciais da cidade, operando em sua economia e em toda a dinâmica do advento capitalista.

Em sua infância, D. Conceição não foi testemunha desse desenvolvimento que, atualmente, há no espaço rural. Como prova disso, a campesina narra as dificuldades enfrentadas juntamente com seus irmãos na busca pela escolarização. Quando questionada acerca das medidas tomadas por eles, em sua época, para estudar, respondeu ela:

*“Eu não estudava, tinha escola em Triunfo, mas eu só estudei quando vim da ‘Várzea Comprida’<sup>3</sup> do 1º até o 2º ano, mas também não aprendi nada, só fazer meu nome, mas depois eu me esqueci”* (D. Conceição).

Nossa entrevistada ainda complementou que, mesmo depois de adulta, voltou à escola quando uma de suas filhas – a mais nova – participou, como educadora do programa que, na época era intitulado por Alfabetização Solidária, atual AlfaSol<sup>4</sup>, no ano de 2001. Com a ajuda do programa, ela conseguiu aprender algumas letras, juntamente com os números. Sobre essa nova experiência como aluna de uma de suas filhas, D. Conceição afirmou:

*“Eu me senti feliz, muito feliz mesmo. Além de eu saber que tava numa sala de aula pra mim aprender meu nome de novo que eu já tinha esquecido, o prazer era imenso de eu ter uma filha que tava passando o que ela sabia pra*

<sup>3</sup> “Várzea Comprida”, nome do sítio localizado a 8 (oito) quilômetros da zona urbana do município de Triunfo Potiguar, lugar em que nasceu D. Conceição.

<sup>4</sup> Programa desenvolvido pelo Conselho da Comunidade Solidária do Governo Federal, criado em 1997. Hoje, trata-se de uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos e de utilidade pública que desenvolve ações que visam contribuir para a redução dos altos índices de analfabetismo e ampliar a oferta de Educação Profissional e de Jovens e Adultos.

*mim. Era gostoso viu, pense como era gostoso, você numa sala de aula, com suas amigas, tudo naquele grupo, e uma filha lhe ensinando foi maravilhoso” (D. Conceição).*

A satisfação de D. Conceição ao falar dessa experiência nos fez sensibilizar-se com sua emoção. Muitos, como ela, cresceram, viveram (e vivem) sob as cortinas do analfabetismo. No Brasil, programas como esse são reflexos da preocupação em torno do número de jovens, adultos e idosos que se classificam como analfabetos.

No âmbito dos documentos legais que regem a educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 9394/96) – em seu artigo 37º presume àqueles, como D. Conceição, que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 2016, p.15)

A educação para esses indivíduos, conforme previsto no inciso 1º do Art. 37º da referida lei “deve assegurar oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames” (BRASIL, 2016, p.15). Cabem a eles, portanto, receberem uma educação que lhes possibilite a solidez de suas identidades culturais, de proposta formadora, mediante a perspectiva de buscar o aprendizado daquilo que lhe for necessário.

Nesse sentido, Paulo Freire, na década de 1960 atuou como coordenador de projetos de alfabetização de jovens e adultos e foi defensor da premissa de que era necessário dar continuidade aos estudos, não bastando apenas o ler e o escrever. Seu método caracterizado como “freireano” segue a ideia de que a escola precisa ensinar o aluno a ler o mundo. Fato apresentado pelo próprio Freire ao alfabetizar 300 trabalhadores no município de Angicos-RN em 45 dias em 1963. A instituição escolar deve ser firme em oferecer a possibilidade de alfabetizar o aluno com aquilo que está ligado a suas vivências. Para esse autor:

*É impossível o professor levar avante seu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização, quando separa completamente a leitura da palavra, da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever o mundo”, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo (FREIRE, 1989, p.31).*

Muitas pessoas, em suas trajetórias de vida, se assemelham com D. Conceição que não tiveram, vinculada a sua infância e juventude, a vida escolar como deveria. Conforme nossa entrevistada, a escola ficava a uma certa distância de sua casa, no

campo, e não havia meios que permitissem o acesso até lá. Com isso, não apenas ela, mas alguns de seus irmãos também cresceram desconhecendo as representações gráficas do alfabeto e seus significados.

Contudo, ainda que em seu caminho D. Conceição não foi abraçada pela formação escolar, o sentido de educação, para nossa entrevistada, não foi tratado com leviandade. Ponderada, ela afirma que buscou, de todas as maneiras, que suas quatro filhas pudessem galgar, construir caminhos por territórios mais próximos ao saber escolar. Quando questionada sobre a importância atribuída por ela à educação escolar, relata:

*“Eu não fui criar minhas filhas do jeito que eu fui criada, fiz todo esforço pra eu dar o saber a elas porque é muito importante. Quem não tem estudo, não tem nada. Mesmo que eu não tenha estudado, mas o conselho que eu dou é que estude” (D. Conceição).*

É satisfatório ver que, embora não tenha sido escolarizada, D. Conceição concebe grande importância e significado ao saber escolar. No entanto, embora nossa entrevistada seja uma pessoa idosa, de amplas experiências, valores, ideias adquiridas ao longo de sua história, ela, assim como tantas pessoas, acredita que o saber produzido na escola é o único que tem valor em nosso meio. Para ela, sua sabedoria é inferior à educação escolar. Nessa perspectiva Libâneo (2013) define essa concepção como influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos. “Correspondem a processos de aquisição de conhecimentos, experiências, ideias, valores, práticas denominadas de educação informal” (LIBÂNEO, 2013, p.16).

O autor nos aponta que:

Cada sociedade precisa cuidar da formação de seus indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepara-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade (LIBÂNEO, 2013, p.15).

Nesse sentido, cuidar da educação, quer seja escolar ou informal, é dever da sociedade. Há direitos que asseguram os cidadãos para serem instruídos em uma educação pública e de qualidade, representados em lei pela LDB (Nº 9394/96). Entretanto, se hoje a educação é um direito que bate na porta de todos os cidadãos, esse feito não ocorreu com D. Conceição que, para evitar que suas quatro filhas também construíssem seus trajetos fora das arenas educacionais, travou uma batalha contra as próprias condições. Acerca disso, ela relata:

*“Fiz tudo pras minhas filhas estudar, tudo, tudo na minha vida: lavei roupa de noite pra amanhecer o dia porque as coisas eram poucas; elas iam de pés de 12h, chegava pra estudar de “uma hora” (13h), tudo isso fiz com muito esforço pra elas não ficar como eu. Saíam do sítio pra cidade a pé, nem uma sombrinha tinha, era um pano na cabeça e assim elas enfrentavam o sol quente. Todas foram a pé porque quando elas começaram a estudar 1º, 2º e 3º ano elas iam a pé” (D. Conceição).*

Em sua narrativa, D. Conceição afirmou que suas quatro filhas conseguiram, sob muita luta, chegar à Universidade. A filha mais velha, graduada em Geografia (através do PARFOR<sup>5</sup>), a segunda, Pedagoga (formada pelo NAESC<sup>6</sup>), a terceira cursa Educação Física também pelo PARFOR e a mais nova, que um dia foi sua professora, tornou-se Assistente Social. Todas formadas – ou em formação – pela Universidade do Estado do Rio G. do Norte – UERN, as filhas de D. Conceição são o reflexo de sua verdadeira valorização pela educação.

Embora sua história de vida tenha sido edificada e afastada do âmbito educacional, D. Conceição é exemplo vivo de resistência, luta, perseverança e sabedoria. Crescida analfabeta não a tornou inferior aos letrados porque sua experiência de vida permitiu-lhe conhecer o mundo tal como ele é. E sua narrativa é uma breve, porém rica demonstração de que a história oral biográfica tem grande relevância uma vez que, não apenas permite-nos uma proximidade com fatos históricos, mas nos possibilita senti-los, vivenciá-los e experimentá-los através de vozes silenciadas de quem sempre esteve fora dos palcos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões suscitadas no presente trabalho permitiu-nos ampliar os conhecimentos acerca da história oral biográfica, como metodologia, bem como sua origem, críticas e relevâncias a ela postas. Compreendemos que trata-se de uma ferramenta de alto valor para a busca do conhecimento e a compreensão de fatos históricos importantes para a pesquisa acadêmica. Fazendo uso dessa metodologia nesse trabalho, constatamos que, embora haja críticas que fragilizem a qualidade do pesquisa com as memórias e as narrativas, entrevistar qualquer sujeito que tenha participado de algum fato histórico pode contribuir para a busca do

---

<sup>5</sup> O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica oferta cursos de licenciatura para professores em exercício da rede pública municipal e estadual de ensino, que não possuem formação adequada à LDB 9394/96. Se desenvolve em parceria com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e Instituições Públicas de Ensino Superior.

<sup>6</sup> Núcleo Avançado de Educação Superior de Caraúbas

conhecimento de forma plena e eficaz. A seriedade do pesquisador faz parte de sua qualidade como eterno aprendiz.

No que diz respeito à formação escolar da entrevistada, através da sua narrativa pudemos perceber que sua infância foi esboçada com lutas e esforços que, conseqüentemente, prejudicaram sua escolarização. A família carente de D. Conceição não tinha meios para levá-la até a cidade. Cursou, parcialmente, o Ensino Fundamental I durante o período em que seus pais passaram a morar na zona urbana. Depois de casada, já com suas quatro filhas, ela voltou a ter experiência como aluna, cuja professora foi sua própria filha caçula, por meio do programa Alfabetização Solidária no ano de 2001.

Ao falar dos “estudos” – termo que D. Conceição usou para se referir a educação escolar – a campesina entrevistada deixou nítido seu apreço e estima de alto valor para com a formação escolar. De tal modo que, mesmo residindo no sítio Alto dos Rodrigues, sua atual residência, usou de todas as possibilidades para que suas quatro filhas, hoje três graduadas e uma cursando a graduação, tivessem a oportunidade que ela mesma não teve em seu percurso formativo.

Destacamos aqui nosso ponto de vista sobre o trabalho efusivo com a história oral biográfica, cuja metodologia permitiu-nos a feliz aproximação com as narrativas da D. Conceição, mulher que, aos moldes da sua própria história, tornou-se uma mulher forte de sabedoria copiosa. É uma das inúmeras campesinas protagonistas de uma história e, assim como tantos, assemelha-se na luta travada contra os estigmas sociais que buscam por calar as vozes afastadas dos maiores holofotes, mas de grande relevância para o universo acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011

BRAGA, V. R. S.; FIALHO, L. M. F.; MAIA, S. S. **Biografia de idosos: uma fonte para pesquisas**. In: I Seminário de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (I SEPOMO). Baurité-CE, 2014.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996

FIALHO, L. M. F.; **A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei**. Fortaleza, 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, 2012.

FREIRE, P. **Conscientização teoria e prática de libertação**. São Paulo. Cortez e Morais, 1979

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. em três artigos que se complementam. 27. Ed. São Paulo. 1989

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. 28. Ed. rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

GARRIDO, J. A. **As fontes orais na pesquisa histórica**: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set192-ago/93, p. 33

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1987.

SELAU, M. S. **História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais**. Revista Esboços, Florianópolis, SC, v. 11, nº 11, 2004, p. 217-228. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887>> Acesso em 16 de janeiro de 2017.